COMPREENDER O QUE OS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) PENSAM SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Kátia Cristina Bernardo de Jesus [1], Klylissa Carla Ribeiro de Freitas [2], Igor Fonseca de Oliveira [3]

RESUMO

Nestepresentetrabalho,quetemporfinalidadecompreenderoqueosalunosdaEducaçãodeJovenseAdultos(EJA), pensamsobreoensinodeHistória,inicioueemagostode2018,hámaisdeumano,atravésdoProgramaInstitucionaldeBolsas de Iniciação à Docência - PIBID,eduranteesteperíodopudemosperceber,estandonasquatrosalasdeaulasdasturmasdaEJA do1º,2ºedo3ºanodoEnsinoMédio,noturnonoturno,doColégioEstadualMartinhoSallesBrasil,nacidadedeSãoFranciscodoConde/Bahia, quetrabalharcomaEJAexigemaisdidáticaededicaçãodosprofessores,poissãoturmasquepossuemalunos(as)comidades,histórias,motivaçãoevivênciasvariadas,algunsdestes(as)estãonasturmaspormotivosdetrabalho,outros(as)pararamdeestudarporalgunsanoseresolveramretornaràsaladeaula,sendoalunosmaismaduros.
Eparaatingirosobjetivosdesejadosutilizamosobservação,diálogos,discussões,questionários,paranosaproximardosdiscenteseobterasinformaçõesnecessárias,poisunssemostrarammaisabertos,outrosnemtanto,sócolaborandocomopassardotempo.
Portanto,históriasdiversasquedevemseranalisadaserespeitadaspornósfuturosdocentes,fazendousoemsaladeaulademetodologiasqueaproximemosconteúdostrabalhadosaessasrealidades,paraquevenhamdespertarnessesalunosinteresses,sensocrítico,motivaçãoeaprendizado.

Palavras-chave:

EJA; PIBID; História. Didática . Metodologia .

[1] UNILAB, Malês, Discente, e-mail: katiacbj@gmail.com
[2] UNILAB, Malês, Discente, e-mail: klylissacarla15@gmail.com
[3] UNILAB, Malês, Docente, e-mail: igoroliveira@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O que é ser um educador de Jovens e Adultos?

Não é algo fácil, pois ultrapassa o professor como mero instrutor e detentor de conhecimentos, para um professor mediador, consciente do seu papel na formação de sujeito sociais e de sua inserção histórica, social e política na sociedade.

Assim, para Romão (2005), o respeito aos códigos culturais dos discentes, que não frequentaram o ensino no período regular, não significa manter o nível cultural em que eles se encontram, o que seria o mesmo que ampliar a discriminação imposta pela sociedade. É necessário na verdade, tomar os códigos culturais dos alunos como ponto de partida para desenvolver reflexões e discussões. E, a partir dessa contextualização, o professor educador precisa desenvolver práticas que elevem o nível cultural dos discentes. Diminuindo assim o alto índice de evasão, tão presente nesta modalidade de ensino.

Para obtermos algumas informações dos alunos a respeito do que eles pensam sobre o ensino de História, aplicamos um questionário, com cinco questões, dentre estas, três abertas e duas fechadas. Alguns objetivos foram traçados com a finalidade de analisar esta temática, bem como o uso de algumas metodologias, a fim de obter maior participação e interação deles, até o final da nossa análise nestas turmas da EJA. Foram apresentados os resultados e discussões em relação aos conhecimentos disponível pelos alunos e por fim exposta a conclusão.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseou-se através dos diálogos, discussões e explicação sobre a importância de estudar História, desmitificando que História não estuda apenas o passado, as datas comemorativas e grandes heróis brancos, como é abordado nos livros didáticos. Além disso, utilizamos o uso do questionário para obter informações e a tabulação para analisar as informações obtidas com o mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com este trabalho, observamos a importância da existência de Programas como o PIBID, de Iniciação à Docência para nos aproximar das realidades e diversidades existentes nas salas de aula. Percebemos que os alunos a partir de nossas discussões, passaram a ter uma nova visão sobre o ensino de História, bem como compreenderam sua importância. Cada um de nós temos nossas histórias, pois não existe um país sem História, e como a História serve para compreender e explicar fatos que ocorrem nos dias atuais.

Como questiona Caimi (2006), em seu artigo, porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino aprendizagem e formação dos professores de História. Isto para a autora implica questionar sobre elementos de que se compõem suas aprendizagens, sugere que não tem aprendido História, pelo menos não de modo adequado e suficiente, na sua escolarização básica, levando essas impressões para o ensino médio.

Para a autora, quando se transita pelas escolas, no acompanhamento de estágios ou na realização de

pesquisas muitos dados vão emergindo. Os professores de um lado reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem interesse, sem curiosidade, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo articulado com sua experiência cotidiana, um professor "legal", "amigo" menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável.

Essas reflexões de Caimi, foram constatadas nas respostas obtidas do questionário que aplicamos e nas falas dos alunos nas quatro turmas da EJA, que trabalhamos. Os objetivos do ensino de História nos anos finais propostos pelo PCN, propõem desenvolvimento de capacidade e habilidade cognitivas, mas esta não é a realidade que vemos nos livros didáticos, principal instrumento de estudo dos alunos, para Caimi, focam em feitos de homens brancos, na visão heroicizada e idealizada da História, ordenação mecânica de fatos em causa e consequências, cronologia linear, eurocêntrica, conteúdos apresentados aos alunos como pacotes – verdades, desconsiderando e desvalorizando suas experiências cotidianas e práticas sociais.

Para autora, se tratando de predomínio de um ensino mecânico, pautado na memorização, basta conversar com adultos egressos de uma escolarização básica completa, isto é com pessoas que concluíram o ensino secundários, para perceber quão pouco resta dos conhecimentos estudados nas aulas de História. Nada mais do que fragmentos desconexos dos fatos, datas, nomes muitas vezes sobreposto aleatoriamente, formando um "samba de crioulo doido", tal como denuncia Sérgio Porto na sua música homônima. Pode-se pensar, então, que, se os conteúdos escolares subsistem tão superficialmente, sua quantidade e extensão importam menos que a qualidade do trabalho desenvolvido, ou, ainda, que não vale a pena priorizar a memória de fatos eventuais em detrimento de raciocínio, da construção e da descoberta do conhecimento histórico, sob pena de perder um tempo realmente valioso para aprendizagens mais significativas. O pensar e agir dos alunos em relação ao ensino de História, é consequência de como para eles foram apresentado os conteúdos de História, na educação básica.

CONCLUSÕES

É perceptível como é importante despertar nos alunos essas reflexões, pois notamos o quanto para eles o ensino de História, realizado de maneira tradicional, pautada na decoração e memorização de fatos não relevantes, que nada tem a ver com a sua realidade, tendo o professor como detentor do saber, tornou este componente desinteressante para os mesmos e, através deste nosso trabalho, podemos demonstrar para os(as) discentes que o ensino de História pode ser prazeroso e, assim como, ter importância e significado para eles, no cotidiano e nos tempos atuais.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, ao PIBID, a direção, aos coordenadores, aos professores de História do noturno do Colégio Martinho Salles Brasil e aos alunos (as) das turmas do 1° e 2º e do 3° ano do Ensino Médio da EJA.

REFERÊNCIAS

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Passo Fundo/RS. p. 17-32 2007.

ROMÃO. J.E. Compromissos do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (orgs**). Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática, e proposta. São Paulo: Cortez, 2005.

